

Física em Portugal no séc. XX: um salto quântico?

“O único dever que temos para com a história é reescrevê-la” foi uma das muitas provocações que Oscar Wilde deixou para o futuro. Fechado o século passado, já há 11 anos, e numa altura de incertezas e crises na ciência, e não só, a pedir mudança de paradigma, pareceu-nos natural parar e olhar o passado por um instante. O passado inspira. E é bom evitar que o tempo traga a nebulosidade da entropia a crescer nas sucessivas transmissões de informação. Preservar e iluminar as fontes pode contribuir para que a história não se reescreva vezes sem conta, diluindo contornos, simplificando e reduzindo. Mas, em contraste, se abra em projecto e perspectiva.

Decidimos por isso organizar um número dedicado à história e aos protagonistas da física em Portugal no século passado. O nosso repto anunciado em Gazetas passadas foi respondido por vários investigadores ou protagonistas, que desenterraram factos e documentos, o que agradecemos aqui com alegria. Interrompemos assim excepcionalmente neste número a organização dos conteúdos da Gazeta nas secções que habitualmente a estruturam, e apresentamos aqui um número sobre a memória.

A memória, não como o objecto, como na neurociência, mas a memória, ainda não muito longínqua, como instrumento de registo e colecta que possibilita um dia fazer e interpretar a história. Os cientistas, e os físicos em particular, na voracidade do metabolismo de produção científica, do faz e refaz ideias científicas, não prestam em regra muita atenção ao passado. Faz parte de ser cientista a apropriação do que outros fizeram antes, claro. Mas visceralmente, não faz também parte de ser cientista questionar? Daí, tantas vezes, a (inocente) rebeldia de fazer tábua rasa do que foi feito. Haverá um desprezo quase inconsciente do cientista pelo passado? Talvez, pois parece ser necessário para poder afirmar a ânsia de viver no futuro e no novo.

Cada geração julga viver o seu tempo de forma única. Mas será mesmo assim? Em Portugal, nos anos 40 do século passado, Rómulo de Carvalho abraçou a

projectos de investigação histórica, e escreveu como é mencionado por Frederico de Carvalho no artigo com que abrimos esta Gazeta: “Sem sentirmos, tudo quanto era transforma-se no que é. Em cada instante está presente o passado e o futuro de todas as coisas.” Por outras palavras, à grande escala das coisas, é como se não houvesse presente. Só há passado e futuro.

Portugal fez uma grande caminhada na Física, e na Ciência, ao longo do séc. XX. Quando eu dei os primeiros passos como física profissional, nos finais dos anos oitenta, 1,5 era, em Portugal, o número de investigadores por mil trabalhadores activos. Em 2008 esse número era 7,2!^{*} Nos anos 60, quando entrei para a escola primária, existiam 13 116 alunos no ensino secundário, em 2010 o número de estudantes no ensino superior era cerca de 118 000. Quase que apetece dizer que demos um salto quântico na segunda metade do século XXI!

Estamos conscientes que muito ficou por contar. Trazemos snapshots, é tudo. E esperamos que estes criem uma primeira impressão, um filme rudimentar e entrecortado, do muito que aconteceu. De resto, incompletos são sempre os documentos históricos que congelam no instante de uma fotografia ou de uma carta a complexidade de muitos instantes, muitas interações, muitas vontades. E ainda é verdadeiramente muito cedo para fazer história de um período que acabou há escassos 11 anos. Mas os artigos que aqui publicamos permitem-nos dizer que, apesar dos tormentos de crescimento das nossas universidades, não passámos totalmente ao lado das revoluções trazidas pela descoberta do Núcleo e da Radioactividade, da Relatividade e da Mecânica Quântica. E na segunda metade do século XX os slogans jornalísticos “Átomos para a Paz” da era nuclear da guerra fria, e “Trabalhadores da Matéria no CERN” dos dias da adesão de Portugal ao CERN, dizem já respeito a cientistas portugueses, de forma activa, e não como meros espectadores.

Na primeira dinastia o nosso rei D. Dinis foi trovador, mas também soube ser o primeiro grande administrador do Reino. Fernando Pessoa reescreveu a sua história definindo-o como “o plantador de naus a haver”. E na Física em Portugal no século XXI, em que fase estamos? Plantámos os pinhais e ansiamos pelo mar, ou já lançámos as naus ao oceano futuro?

Teresa Peña

* OECD, Main Science and Technology Indicators.

Ficha Técnica

Propriedade

Sociedade Portuguesa de Física
Av. da República, 45 – 3º Esq.
1050-187 Lisboa
Telefone: 217 993 665

Equipa

Teresa Peña (Directora Editorial)
Gonçalo Figueira (Director Editorial Adjunto)
Carlos Herdeiro (Editor)
Filipe Moura (Editor)

Secretariado

Maria José Couceiro - mjose@spf.pt

Colunistas e Colaboradores regulares

Ana Simões, Carlos Fiolhais, Constança Providência, Jim Al-Khalili

Colaboraram também neste número

Ana Simões, Augusto Fitas, Bruno Gonçalves, Carlos Fiolhais, Carlos Varandas, Catarina Espírito Santo, Conceição Abreu, Décio Martins, Emílio Ribeiro, Frederico Carvalho, José Leonardo, José Mariano Gago, José Sande Lemos, José Veiga Simão, Júlia Gaspar, Sofia Andringa, Tiago Saraiva

Design / Produção Gráfica

Dossier, Comunicação e Imagem
www.dossier.com.pt
NIPC 501094628

Registo ICS 110856

ISSN 0396-3561

Depósito Legal 51419/91

Tiragem 1.800 Ex.

Publicação Trimestral Subsidiada

As opiniões dos autores não representam necessariamente posições da SPF.

Preço N.º Avulso €5,00 (inclui I.V.A.)

Assinatura Anual €15,00 (inclui I.V.A.)

Assinaturas Grátis aos Sócios da SPF.